

A DECADÊNCIA DA CIDADE EUROPÉIA – TENDÊNCIA SOCIAL OU REPETIÇÃO DE UMA FIGURA RETÓRICA?¹

*Martin Gegner**

RESUMO

Desde décadas a sociologia urbana discute a “decadência da cidade européia”. Sejam teóricos como Saskia Sassen ou Manuel Castells, em suas diagnoses, a cidade européia é descrita como conceito antiquado que não tem futuro nas condições da globalização. Ultimamente na Alemanha vem surgindo um novo sintoma desse desenvolvimento: O “encolhimento da cidade” e, no primeiro lugar da agenda urbanística. De verdade dados demográficos indicam uma diminuição da população metropolitana. Isto significa uma decadência? O artigo faz uma revisão crítica da sociologia urbana alemã contemporânea. Este fenômeno reproduz uma tendência social ou é, só mais uma variação de uma figura retórica de uma disciplina científica em crise?

Palavras-chave: Cidade européia. Urbanismo. Teoria Social.

1 INTRODUÇÃO

A retórica da decadência ou do fim da cidade européia não é nova. Já no final do Século XIX a crítica contemporânea lamentou a reestruturação de Paris segundo os planos de Haussmann como sendo o declínio da cidade (BARTHÉLEMY 1861, BLANQUI 1885, FOURNEL 1868). A rua, antes um lugar dos *flâneurs* e da comunicação imediata, se tornava cada vez mais num lugar de transferência, num lugar que devia ser superado o mais rápido possível. Por um lado, com o surgimento dos meios de transporte em massa e, conseqüentemente, do deslocamento da vida pública para o nível simbólico nos jornais, por outro, parecia que estava decaindo um ou, como pensam alguns, o critério específico do espaço público realizado na cidade. Sennett (1974) descreveu esse processo de maneira impressionante, valendo igualmente para as maiores metrópoles daquela época: Londres, Paris e Berlim.

A reestruturação da cidade européia no final do Século XIX tinha várias razões. Os poderes queriam impedir rebeliões e revoluções e mostrar a grandeza e a beleza das capitais para a concorrência imperialista, mas também reagi-

* Docente da Universidade de Humboldt de Berlim, do Departamento de Sociologia Urbana.

ram de uma maneira funcionalista às mudanças estruturais, quer dizer, ao crescimento enorme da população.² Essas concepções foram sustentadas pelas instâncias de planejamento das cidades. Já mencionamos o nome de Haussmann, em Berlim foram os Conselheiros de Urbanismo James Hobrecht, no final do Século XIX, e Martin Wagner (WAGNER 1929a/b), no início do Século XX, que planejavam e mandavam realizar tanto a construção residencial dentro da cidade quanto o trânsito e a infra-estrutura restante que Reulecke chama “tecnologia urbana” (REULECKE, 1985, p. 56).

Uma radicalização da arquitetura nas cidades europeias seguiu nos anos 20. Destacam-se as idéias do arquiteto suíço Le Corbusier – (Charles-Edouard Jeanneret) –, cujo programa da arquitetura modernista estava ligado a transformações urbanísticas radicais. Isto ficou documentado na *Carta de Atenas (Congresso International da Arquitetura Moderna - CIAM, 1943)*, a sua teoria ficou mais sistematizada no livro sobre o planejamento urbano (LE CORBUSIER, 1929). Nesta obra estão declarados os elementos essenciais do urbanismo modernista. Segundo ele, a cidade deveria funcionar como uma máquina, dividida em diferentes esferas funcionais ligadas pelo trânsito contínuo. Le Corbusier definiu o sentimento moderno como “um espírito da geometria, um espírito da construção e da síntese. Exatidão e ordem são as suas condições básicas” (LE CORBUSIER, 1929, p. 35).

Assim ficou evidente que as cidades crescidas desde a Idade Média representavam um obstáculo para o programa. Conseqüentemente, Le Corbusier pensava em soluções que previam “arrasar o centro das cidades e reconstruí-lo, e que também se deveria arrasar o cordão sujo dos subúrbios” (ibidem, p. 83). Em grandes partes da Europa a guerra fez isto. A Carta de Atenas, quando foi publicada em 1943, estava disponível como uma opção para a reconstrução das cidades na época pós-guerra.

Mesmo assim, o programa modernista não foi implementado na Europa com tanto radicalismo como, por exemplo, em Brasília. Tanto na Europa ocidental quanto na oriental, durante as primeiras duas décadas do pós-guerra a pauta era a reconstrução das cidades utilizando a substância de construção ainda existente e seguindo os traçados dados nas cidades. A construção moderna não foi integrada de modo geral no urbanismo. Exceções foram o modelo da cidade socialista com umas fundações completamente novas, como ocorreu na Alemanha em *Eisenhüttenstadt*, *Schwedt* e nos projetos de prestígio na capital da Alemanha oriental, em Berlim oriental, por exemplo na avenida *Stalinallee*. O mundo ocidental reagiu a este último projeto com um novo bairro em Berlim

ocidental, o *Hansaviertel*, do qual participava também Le Corbusier e Oscar Niemeyer de maneira decisiva.

A modernização das cidades da Europa ocidental, entretanto, se orientou do exemplo do “sonho americano” (KNIE/MARZ, 1997, p. 13), e se iniciou com a entrada em massa dos automóveis nas cidades. Desde o início dos anos 60 o trânsito automobilístico crescia consideravelmente em todos os países da Europa ocidental. Tentava-se corresponder a essa expressão da *Modernidade* com a construção de grandes vias magistrais, autovias urbanas, e com o deslocamento do bonde para debaixo da terra. Já nos anos 60, cientistas sociais alemães denunciaram a força destrutiva dessa arquitetura do trânsito. Alexander Mitscherlich (1965) analisou ao nível psicológico o “mal-estar nas cidades”. Hans Paul Bahrdt (1961) criticou a rua sem o seu caráter público, caso se servisse, exclusivamente, como espaço de transferência dos veículos blindados de latão. Se não houvesse mais espaços públicos nas cidades, a cidade deixaria de ser cidade. Seria tão somente um agrupamento de edifícios, ruas e pessoas - uma aglomeração.

2 O DISCURSO ATUAL

Uma segunda onda da discussão sobre a cidade européia em decadência, seguiu-se nos anos 80, em uma recuperação da essência da cidade neste continente. Hartmut Häußermann e Walter Siebel documentaram de maneira quase paradigmática no seu livro “O novo ser urbano”, de 1987. Para eles o “novo ser urbano” representa a reconquista dos centros urbanos pelos jovens alternativos. Sob a impressão das casas ocupadas na parte ocidental de Berlim, eles afirmaram que um ambiente estudantil, inicialmente subversivo, ocupava prédios destinados à demolição, seria o público burguês de amanhã. Cresceu um novo tipo de moradores nos centros, que não vivem em relações sociais tradicionais, mas em “residências comunitárias” ou como “single”. A infra-estrutura alternativa de lojas ecológicas, iniciativas culturais, bares e artesanatos seriam atrativos para os “yuppies” também. Depois da fase de transferência o bairro alternativo, tornar-se-á bairro rico. Outros urbanistas ligavam essa visão crítica do “novo ser urbano” afirmativamente a um programa da “cidade dos caminhos curtos”, onde todas as funções da vida moderna - moradia, trabalho, lazer e consumo - seriam acessíveis rapidamente por bicicleta ou a pé (HOFFMANN-AXTHELM, 1993). Essa reconquista das cidades também significava um renascimento do transporte público e, uma redução na construção de estradas e de vias expressas. Na Alemanha a ferramenta foi implementada como concepção para estabilizar o

ambiente no centro da cidade. A intenção era motivar os habitantes alemães jovens e com bons salários a entrar e permanecer nos centros, evitando ao mesmo tempo a entrada de mais migrantes “estrangeiros”.³

O programa de reurbanização, também, teve efeitos em outras cidades da Europa ocidental, mas de maneira diferente. Em muitas cidades medievais da Itália o centro completo foi transformado em área para pedestres, evidentemente e em primeiro lugar para incentivar o turismo. O redescobrimto do “barrio gótico” em Barcelona, em antecipação às Olimpíadas de 1992, talvez seja o exemplo mais famoso de uma reurbanização do centro antigo da cidade. Mesmo assim, a tendência para a suburbanização continuou também em toda Europa nos anos 80. Na periferia das grandes cidades surgiram parques residenciais e *shopping centers* cada vez maiores. O “novo ser urbano” pode ser comprovado em alguns bairros isolados, mas não é representativo pela totalidade. Entretanto, desta forma se opõe pela primeira vez uma discussão da reurbanização a uma retórica da decadência da cidade européia.

Em meados dos anos 90 mais uma vez a cidade européia pareceu ter chegado ao fim. Manuel Castells (1999) declarou que o espaço urbano “não tinha relevância social”. Para ele a sociedade se apresenta já exclusivamente como uma rede de fluxos de meios eletrônicos. Dentro dessa rede ainda seriam necessárias algumas cidades isoladas para servirem de nós para os estúdios de televisão, bolsas de valores e cenários para eventos e espetáculos. Mas, a vida pública de uma cidade, a sua identidade, só teriam um significado no nível da subcultura. As cidades seriam “lugares”, e como tais demasiado estáveis, inflexíveis e imóveis para terem importância no espaço dos fluxos. Como lugares dos fracassados, dos migrantes e do trabalho não teriam importância no espaço público global. Somente as *global cities* como São Paulo, Nova Iorque e Shanghai, na nomenclatura de Saskia Sassen (1991), teriam relevância como pontos nodais para o fluxo global do capital. Dentro da Europa, figurariam entre essas cidades somente Londres, Paris e Moscou. Berlim certamente não.

Mas, também nos anos 90, houve tentativas - pelo menos retóricas - de salvar a cidade européia. Sob o lema do “New Urbanism” se re-importava conceitos dos Estados Unidos e da Grã-Bretanha que pareciam continuar de forma positiva a tradição da cidade européia: uma arquitetura dos detalhes, utilização mista dos bairros com trabalho, arte e gastronomia, tudo ligado por vastas áreas para pedestres, que deveriam lembrar as famosas passagens parisienses do Século XIX. Nos EUA o “New Urbanism” se entende como um movimento contra a suburbanização. No continente europeu, entretanto, só uma parte pequena

dessas idéias foi realizada. Um exemplo decididamente tributário do New Urbanism, que deveria ser construído no bairro mais antigo de Berlim, depois de cinco anos do início, ainda não foi realizado. Ali se encontra hoje um enorme estacionamento em solo lamacento ou empoeirado. O New Urbanism é altamente discutido, por exemplo entre dois sociólogos do urbanismo berlinenses conhecidos no Brasil: Enquanto Hartmut Häußermann, da Universidade Humboldt, rechaça a concepção por ser uma Disneylândia para ricos e valoriza o “New Urbanism” como uma re-importação da idéia da cidade europeia (HÄUßERMANN, 2001) e Harald Bodenschatz (2005), da Universidade Técnica, acredita que a concepção é uma chance para um renascimento urbano. Bodenschatz argumenta com as experiências positivas de cidades do centro da Inglaterra como Manchester e Birmingham.

A mais recente metáfora da crise da cidade europeia chama-se a “cidade encolhida” (OSWALT, 2004).⁴ Enquanto no mundo todo tem que contar com o crescimento da população urbana, na “velha Europa”, e particularmente na Alemanha, a situação é completamente diferente. Principalmente os municípios do nordeste da Alemanha perderam até um terço da sua população desde a unificação alemã (SPIEGEL, 2004). Esses habitantes por motivos econômicos foram para o sudoeste rico do país, ou, se dispunham dos recursos necessários, seguiram o movimento para os subúrbios. Quer dizer que também na Alemanha tem um problema de pobreza no nordeste. Mas também na maior região urbanizada do país, na região do Ruhr com cerca de 7 milhões de habitantes, se constata uma redução da população nas cidades propriamente ditas. Nessa região marcada pela mineração e pela indústria do aço, a transformação estrutural tem conseqüências especialmente visíveis. É óbvio que o fenômeno das “cidades encolhidas” está ligado à desindustrialização e às mudanças do setor produtivo para outras partes do mundo. Isto quer dizer então que Manuel Castells (1999) tem razão, quando diz que os lugares do trabalho não têm futuro, prometendo por outro lado mais anos de florescimento às metrópoles de serviços?

Na Alemanha esse quadro em breve será realidade, porque as aglomerações em volta de Munique, Frankfurt e Stuttgart expandem-se tanto em termos de poder econômico quanto em números de habitantes (note-se que isto se refere às grandes áreas urbanizadas, porque as próprias cidades já estão chegando ao limite de suas capacidades, o que se manifesta em alguns lugares como aluguéis até duas vezes mais altos que em lugares comparáveis em Berlim).

Isto indica que afirmações gerais sobre a cidade europeia já são quase impossíveis. Pelo menos é preciso definir exatamente as condições sócio-econô-

micas de determinadas evoluções. Hoje em dia parece necessário falar de diferentes trilhas de desenvolvimento ou tipologias do desenvolvimento urbano. Também parece que na Europa a clássica dicotomia entre cidade e campo já está desatualizada (LEFÈBVRE, 1970). Porém, o assunto da “cidade encolhida” continuará relevante para a pesquisa, independentemente de esta se chamar sociologia urbana ou planejamento regional.

Mas o que significa a “cidade encolhida” para os seus habitantes? Significa que milhares de apartamentos serão “retirados do mercado”, isto é destruídos, porque não há inquilinos (BERNT, 2004). Significa que os serviços públicos serão reduzidos e cada vez mais privatizados. O transporte público, o abastecimento e saneamento público da água, os aterros sanitários, tudo isto está sendo questionado em todas as cidades europeias. A União Européia pressiona a favor da liberalização de todos os serviços. Ela quer, por exemplo, que a empresa responsável pelo metrô de Paris, a RATP - Régie Autonome des Transport Parisiens -, possa também assumir o transporte público urbano de Berlim. Os municípios e os Estados nacionais se opõem a essas exigências (BOCKLET, 2001). Isto delinea um dos mais importantes campos da política no contexto da unificação europeia.

Já se pode apresentar exemplos negativos dessa “europeização”. Os serviços de água de Berlim recentemente foram comprados por uma empresa pertencente ao consórcio francês “Vivendi”, que era originalmente uma empresa pública, passando a ter, pela primeira vez em 150 anos de existência, um balanço negativo, com um saldo negativo de 150 milhões de euros. Como consequência, os preços da água na capital alemã estão aumentando rapidamente, em 2004 foram 15% (WERLE, 2002; TU BERLIN, 2004).

Com a redução dos números de habitantes, o volume dos serviços públicos até agora oferecidos nas cidades europeias também será reduzido. Quase todos os municípios estão considerando como poderiam terceirizar e cortar serviços. Em 2002, quinze das 64 piscinas públicas em Berlim foram fechadas, dez foram alugadas por empresas privadas porque a prefeitura alega não ter recursos para mantê-las (BBB, 2005). Isto significa que exigirão preços tão altos que principalmente a população mais pobre não poderá pagar a entrada na piscina. A consequência será que haverá poucos visitantes, levando as empresas privadas à falência e fazendo com que as piscinas públicas decaiam.

Neste ponto parece que a retórica da decadência da cidade é realmente acertada, porque desde a sua configuração visionária na época de Haussmann em Paris e de Hobrecht em Berlim os serviços municipais foram a base material

do desenvolvimento cultural da cidade. Sem eles a “cultura da diferença”, que segundo Siebel (2004a) representa a essência da cidade européia, não poderia ter-se espalhado de maneira tão cômoda. O abastecimento da população com serviços de responsabilidade pública representa, o critério substancial para diferenciar a história da cidade européia da norte-americana, asiática e também brasileira. O seu sucesso baseava-se na existência de uma vontade de controle político na época do grande crescimento urbano, entre 1880 e 1910, assim como das possibilidades da engenharia e tecnologia de dominar as dificuldades resultantes.

As cidades européias ainda vivem à base de suas amplas redes de abastecimento, da água, do transporte público, de gás e luz, à base de um grande número de moradia antigamente pública, hoje quase completamente privatizada, tudo isto criado e configurado no início do Século XX. Hoje não há essa vontade de configuração política. As cidades estão querendo vender a “prata da casa”. Negócios de “sale-and-lease-back” (vender e realugar) de instituições municipais já são a regra.

Com a diminuição dos serviços públicos, à partir de base mais elevada, parece que as cidades européias estão indo na direção contrária em relação aos municípios brasileiros, que, com programas como o “Favela Bairro” no Rio de Janeiro estão aumentando os serviços para a população urbana à partir de um nível baixo nas áreas periféricas (BASTOS, 2004; PAMUK/CAVALLIERI, 2004). Temos então uma decadência na Europa, e no Brasil uma crescente urbanização? Ou seria a primeira afirmação um exagero dramático e a segunda uma suposição ingênua? O fato é que as cidades européias estão encolhendo, não somente no número de habitantes mas também em termos de infra-estrutura. Na Europa central ainda não existem favelas, mas já há bairros pobres cada vez maiores, principalmente nas áreas metropolitanas mais amplas (FRIEDRICH/VAN KAMPEN, 2004). Nesse contexto a retórica da crise da cidade européia é virulenta. Mas, como nós vimos, desde o final do Século XIX pode-se encontrar ciclicamente uma retórica da decadência da cidade européia, cada vez sob condições sociais transformadas. Esta retórica evidentemente continua sendo muito atraente, pelo menos para urbanistas, como se pode ver na discussão. Obviamente todos, usando esta retórica, tem um sentimento profundo para a cidade européia. Parece que eles querem “salva-la”.

Mas qual é o motivo dessa força atraente? O que poderia ser visto como essência da cidade européia que está defendido pelos seus adoradores? A característica dela é a existência de uma arquitetura antiga, pitoresca e a ausência

quase completa de arranha-céus? Ou será que com a cidade europeia estamos lidando inclusive com um mito, com uma narrativa coletiva pré-racional passada de geração em geração para assegurar-se da própria identidade?

Recentemente, numa revisão crítica da sociologia urbana de Max Weber (1922), Walter Siebel (2004a) definiu cinco pontos como características essenciais da cidade europeia:

1. A cidade europeia é a diferença. Diferença do campo, diferença de cidades de outros continentes, diferença entre si. Nenhuma cidade europeia é igual a outra, e nesse aspecto seriam iguais. Esta diferença se caracterizaria por uma historicidade que a cidade europeia enfrenta, que está visível dentro dela. Ao contrário de outras regiões culturais, essa história não seria encarada em primeiro lugar como obstáculo, mas como patrimônio cultural.

2. A cidade europeia é história da emancipação. O burguês, o cidadão econômico, na cidade europeia liberou-se dos círculos econômicos fechados, assim como o *citoyen*, o cidadão político, se libera da dominação feudal. A cidade europeia é o modelo fundamental de uma sociedade aberta da liberação econômica e política. Depois de Max Weber, Jürgen Habermas (1962) descreveu esse processo da maneira mais concisa no livro “Transformação estrutural no espaço público”.

3. Ali, nos trechos de Sociologia Urbana, Habermas se refere aos trabalhos de Hans Paul Bahrtdt (1961), que por sua parte se orienta na tipologia das cidades de Max Weber. A polaridade entre espaço público e esfera privada representa outro princípio fundamental da cidade europeia. Essa diferença, por sua vez, pode ser dividida em cinco dimensões: a social, a funcional, a jurídica, a material-simbólica, a normativa.

O espaço público como palco de frente (GOFFMANN, 1959) é um “lugar de comportamento estilizado, distanciado, e lugar do anonimato” (SIEBEL, 2004a, p. 14). Seriam as características do nível *social*. Na dimensão *funcional* o espaço público seria o lugar do mercado e da política. Em termos *jurídicos* o espaço público estaria sujeito ao direito público, ao contrário do direito privado de um dono de um edifício. “Conformação, materiais e símbolos utilizados transfiguram e esclarecem as diferenciações jurídicas, funcionais e sociais de espaços públicos e privados” (SIEBEL, 2004a). Na dimensão *normativa* o espaço público estaria caracterizado pelo acesso livre, pela “integração social sem a negação da diferença” (SIEBEL, 2004a).

4. A confrontação produtiva com o forasteiro seria, segundo Walter Siebel, a quarta característica da cidade europeia. Na comunicação adensada da cida-

de, através do contato face a face com o desconhecido surgem inovações sociais e econômicas. A integração social dos migrantes, mesmo como a aceitação da diferença cultural, é visto como uma força produtiva da cidade.

5. E finalmente, a cidade europeia representa um modelo de desenvolvimento regulado e planejado pelo Estado Social, amortecendo a penúria social e incentivando desde sempre o desenvolvimento econômico com ferramentas de promoção econômica, isto é, subsídios.

Todos esses aspectos foram discutidos aqui. Segundo Siebel, a sua totalidade caracteriza a cidade europeia. A sua totalidade, entretanto, quase não se encontra mais ali em termos sociológicos. Confirmaria-se então o discurso da decadência da cidade europeia? Será que ela se dissolve num tipo universal da cidade global?

Como vimos, aspectos isolados, como o da condição de Estado Social, estão sendo ameaçados na sua existência. Outros, por exemplo, o da integração de migrantes estrangeiros, parecem ser solucionados de uma forma melhor no século passado nas cidades americanas, inclusive nas brasileiras, do que na Europa, onde tem bairros altamente segregados em termos étnicos. Nesse contexto a cidade europeia já acabou com a promessa da integração social. Enquanto no continente americano os migrantes da segunda geração se identificam como americanos ou brasileiros, na Europa, especialmente na Alemanha, eles se identificam como Turcos ou Algerianos, mesmo se eles nasçam na Europa e quase não falam mais o idioma de seus pais (GESTRING et al., 2004).

Assim a cidade europeia muitas vezes parece uma idéia da classe burguesa, que paira sobre a arquitetura antiga renovada dos centros, mas que pouco se refere à vida social da população que vive nela. Uma revitalização dessa idéia, nas condições da globalização, parece idealista, mesmo assim vários urbanistas apresentam um prognóstico e um futuro para elas (MARCUSE, 2004; SIEBEL, 2004a). Quem quiser salvar a cidade europeia deve revitalizar o seu espaço público, isto é, por um lado, reformar as bases do Estado de Bem-estar europeu para garantir a sua permanência, por outro lado realizar finalmente uma política de integração de todos os grupos sociais da cidade, quer dizer, aspirar não somente a uma integração de uma minoria étnica na maioria da sociedade. Nesse aspecto, a cidade europeia certamente poderá aprender com as cidades brasileiras.

O ideal de uma sociedade de cidadão, também, poderá receber estímulos importantes do “orçamento participativo”. Ele representa uma prática social política, que se opõe às duas alternativas paradigmáticas da europeização, ou mais

mercado ou mais estado. Mesmo com alguns projetos alemães do programa Agenda 21 da ONU que se referem ao orçamento participativo (KERN et al., 2004) e com o interesse das ONGs pelo Fórum Social Mundial em Porto Alegre, essa inovação brasileira quanto à política e ao social na sociologia e na Ciência Política da Alemanha, quase não é conhecida. Pelo menos tem duas obras básicas que tentam introduzir essa forma da política na discussão acadêmica (HERZBERG, 2002; ZIMMERMANN, 1999). Mas nos institutos mais reputados se discutem os conceitos do “New Public Management” (NASCHOLD/BOGUMIL, 2001) e do “Good Governance” (COLY/BRECKNER, 2004). Isto é bem significativo, pelo interesse quase inexistente pela América Latina em geral e pelo Brasil em particular, não somente nas ciências sociais e não somente na sociologia urbana. Uma exceção seriam trabalhos, às vezes bastante românticos, de uma geração mais jovem de sociólogos sobre a auto-organização nas favelas (LANZ, 2004). Além do futebol, do carnaval e do samba, também o *favela-chique* já chegou na Europa como expressão brasileira.

Mas, esses autores pelo menos, tentaram aprender algo sobre a cidade brasileira, em cooperação com sociólogos brasileiros. A sociologia urbana estabelecida, ao contrário, se concentra, por exemplo, nos programas do Ministério da Ciência e da Sociedade de Pesquisa Alemã relacionados com a China. Isto se deve, naturalmente, ao mercado potencialmente maior (para produtos alemães). Mas também parece manifestar-se ali a incompreensão pelo fato de que a cidade européia poderia aprender algo das práticas sociais em outros continentes.

3 CONCLUSÃO

A Conferência da “Associação Mundial das Grandes Metrôpoles”, uma rede informal de mais de 80 cidades com mais de um milhão de habitantes no mundo inteiro, deixou visível que, os planejadores e políticos das cidades, particularmente os alemães, tendem a negar completamente os próprios problemas sociais e querer, em vez disso, presentear o mundo com tecnologia alemã, negando o conhecimento geral da sociologia urbana, que os problemas das cidades não vão ser resolvidos com inovações tecnológicas, mas com inovações sociais. Em face a esta comunicação de mão única, que ainda hoje existe, não se pode excluir a possibilidade do declínio das cidades européias nesta trilha de desenvolvimento. Porque a história mostrou que sistemas sociais, como também as cidades, que não aprendem em seu contexto, entram em decadência (WEBER, 1922).

Hoje o contexto é a globalização. As cidades encolhidas possivelmente são uma primeira manifestação disso. Mas isto só é uma expressão da tendência social que as cidades européias (é em grande partes também a sociologia urbana européia) desenvolve como um sistema auto-referencial. A decadência da cidade européia ou a respectiva retórica, só poderá ser impedida numa confrontação produtiva, em pé de igualdade, com outros modelos urbanos.

ABSTRACT

Since decades the Urban Sociology discusses the so called decline of the European city. International social theorists like Saskia Sassen or Manuel Castells describe the European city as an antiquated concept which, in times of the globalization, faces no future. Recently in Germany the urban sociology stresses a new phenomenon as an expression of this development: the shrinking city. In fact demographic data indicates a diminuation of the population in metropolitan areas. But does this mean, that the European city is declining? In a critic review of contemporary studies in German Urban Sociology this article tries to find out whether the decline of the European city can be considered as a social tendency or merely as a rhetoric figure of a scientific discipline in crisis

Key-words: European city. Urbanism. Social Theory

NOTAS

1 Este artigo é uma versão de uma palestra apresentada no Seminário de Sociologia da Universidade de Brasília, em 20 de junho de 2005. Em português com o apoio de Dr. Marcel Vejmelka e Vanessa Domingues Silva.

2 Por exemplo: Desde 1880 até 1910 a população cresceu em Paris de 2,2 milhões para 3 milhões, em Londres de 3,8 milhões para 7,2 milhões, em Berlim de 1,8 milhões para 3,4 milhões (KUCZYNSKI, 1982, p. 176).

3 Em 1997 viviam na Alemanha 9% de “estrangeiros” (STATISTISCHES BUNDESAMT, 2000, p. 44), nas grandes cidades o número é ainda maior. Em Munique, Frankfurt e Stuttgart vivem 25 até 30% de “estrangeiros” e 50% dos “estrangeiros” na Alemanha vivem em cidades com mais que 100 mil habitantes (SPIEGEL, 2004. p. 187).

4 Mesmo se Häußermann/Siebel (1988) já apontaram à tendência social das cidade encolhidas muito cedo, só agora quando os efeitos às vezes parecem dramáticos, o discurso público se refere ao problema.

REFERÊNCIAS

- BAHRDT, Hans Paul. **Die moderne Großstadt**. Hamburg. 1961.
- BANTEL, Claus. **Im Häusermeer. São Paulos Erfahrung mit Stadtplanung und Favela-Politik**. In: BLUM, Elisabeth; NEITZKE, Peter (Orgs.). 2004.
- BARTHÉLEMY, M. **Le vieux Paris et le nouveau**. Paris. 1861.
- BASTOS, Paulo. **Favela-Intervention in São Paulo**. In: BLUM, Elisabeth; NEITZKE, Peter (Orgs.). 2004.
- BBB - **Berliner Bäderbetriebe** (2005). Presseinformation. Disponível em: http://www.berlinerbaederbetriebe.de/downloads/Pressemappe_BBB.pdf.
- BERNT, Matthias. **Abrißprogramm Ost**. In: OSWALT, Philipp (Org.). 2004.
- BLANQUI, Auguste. **Critique sociale**. Vol . II. Paris. 1885.
- BLUM, Elisabeth; NEITZKE, Peter (Orgs.). **FavelaMetropolis. Berichte und Projekte aus Rio de Janeiro und São Paulo**. Basel.
- BOCKLET, Reinhold. . Leistungen der Daseinsvorsorge im Konflikt mit dem EU-Wettbewerbsrecht. In: **Die Zukunft der Daseinsvorsorge. Öffentliche Unternehmen im Wettbewerb**. Schader-Stiftung (Org.): Darmstadt, 2001.
- BODENSCHATZ, Harald. **Europäische Stadt, Zwischenstadt und New Urbanism**”. **Die Planerin. Fachzeitschrift für Stadt- Regional- und Landesplanung 3/2001**. Disponível em: <http://www.ceunet.de/zwischenstadt.htm>.
- BODENSCHATZ, Harald. **Urban Renaissance in Birmingham und Manchester**. Palestra realizada no Centro Schinkel da Universidade Técnica de Berlim (TU), no dia 18 do abril 2005.
- CASTELLS, Manuel. **The Information Age**. Vol. 1. The rise of the network society. Oxford. 1996
- CIAM - Congrès Internationaux d'Architectur Moderne. La Charte de Athènes. Avec un discours de Jean Giraudoux. Paris, 1943.
- COLY, Anette; BRECKNER, Elke. Dezentralisierung und Stärkung der kommunalen Selbstverwaltung zur Förderung von Good Governance Aus Politik und Zeitgeschichte. Beilage zur Zeitschrift das Parlament. 15-16/2004: 3-11, 2004.
- FOURNEL, Victor. **Paris nouveau et Paris futur**. Paris, 1868.
- FRIEDRICH, Jürgen; VAN KAMPEN, Ronald. **Armutsgebiete in europäischen Großstädten** - ein vergleichende Analyse. In: SIEBEL, Walter (Org.), 2004.
- GESTRING, Norber, et al. **Integrationspfade: Die zweite Generation in den USA und Deutschland**. In: SIEBEL, Walter (Org.), 2004.
- GOFFMANN, Erving. **The presentation of self in everyday life**. New York, 1959.

HABERMAS, Jürgen. **Strukturwandel der Öffentlichkeit. Untersuchungen zu einer Kategorie der bürgerlichen Gesellschaft.** Frankfurt, 1962.

HÄUBERMANN, Hartmut. Die Baupolitik für Berlin? In: Architektenkammer Berlin (Org.): **Neue Architektur für Berlin.** Hamburg, 2001.

HÄUBERMANN, Hartmut; SIEBEL, Walter. **Neue Urbanität.** Frankfurt, 1986.

_____. Die schrumpfende Stadt und die Stadtsoziologie. In: FRIEDRICH, Jürgen (Org.): **Soziologische Stadtforschung.** Opladen, 1988.

_____. **Festivalisierung der Stadtpolitik:** Stadtentwicklung durch große Projekte. Opladen, 1993.

HERZBERG, Carsten. **Wie partizipative Demokratie zu administrativen Verbesserungen führen kann.** Der Bürgerhaushalt von Porto Alegre. Reihe Region-Nation-Europa Bd. 9. Münster, 2002

HOFFMANN-AXTHELM, Dieter. **Die dritte Stadt. Bausteine eines neuen Gründungsvertrages.** Frankfurt, 1993.

_____. **Anleitung zum Stadtumbau.** Stuttgart, 1996.

KERN, Kristine, et al. **Local Agenda 21 in Germany:** An Inter- and Intranational Comparison. Discussion Paper SP IV 2004-104, Wissenschaftszentrum Berlin für Sozialforschung. Berlin, 2004.

KNIE, Andreas; MARZ, Lutz. **Die Stadtmaschine.** Zu einer Raumlast der organisierten Moderne. Discussion Paper FS II 97-108, Wissenschaftszentrum Berlin für Sozialforschung. Berlin, 1997.

KUCZYNSKI, Jürgen. **Geschichte des Alltags des deutschen Volkes.** Bd. IV, 1871-1918. Berlin, 1982

LANZ, Stephan (Org.). **City of COOP.** Ersatzökonomien und städtische Bewegungen in Rio de Janeiro und Buenos Aires. Berlin, 2004.

LE CORBUSIER. **Städtebau.** Berlin/Leipzig, 1929.

LEFÈBVRE, Henri. **La revolution urbaine.** Paris, 1970.

MARCUSE, Peter. **Verschwindet die europäische Stadt in einen allgemeinen Typus der globalisierten Stadt?** In: SIEBEL, Walter (Org.), 2004.

MITSCHERLICH, Alxander. **Die Unwirtlichkeit unserer Städte. Anstiftung zum Unfrieden.** Frankfurt, 1965

NASCHOLD, Frieder; BOGUMIL, Jörg. **Modernisierung des Staates. New Public Management in deutscher und internationaler Perspektive.** Reihe Grundwissen der Politik, Bd. 22, 2. vollständig aktualisierte und stark erweiterte Auflage Aufl. Opladen, 2000

OSWALT, Philipp (Org.). **Schrumpfende Städte.** Bd. 1, Internationale Untersuchung. Ostfildern-

Ruit, 2004.

PAMUK, Ayse; CAVALLIERI, Fernando. **Das Feavela-Bairro Programm**. Neue Tendenzen bei der Aufwertung von Favelas in Rio de Janeiro. In: BLUM, Elisabeth/ NEITZKE, Peter (orgs.), 2004.

REULECKE, Jürgen. **Geschichte der Urbanisierung in Deutschland**. Frankfurt, 1985.

SASSEN, Saskia. **The Global City**: New York, London, Tokyo. Princeton, 1991.

SENNETT, Richard. **The fall of the public man**. New York, 1976.

SETHMANN, Jens. **New Urbanism. Downtown Kitsch Town**. In: Mietermagazin. 09/2001, disponível em : <http://www.berliner-mieterverein.de/magazin/online/mm0901/090124.htm>.

SIEBEL, Walter (Org.) **Die europäische Stadt**. Frankfurt, 2004.

SIEBEL, Walter (2004a): Einleitung. Die europäische Stadt. Em: Siebel, Walter (org.) (2004),

SPIEGEL, Erika. **Die europäische Stadt - eine schrumpfende Stadt**. In: SIEBEL, Walter (Org.) Frankfurt, 2004.

Statistisches Bundesamt (Org.). Datenreport 1999. **Zahlen und Fakten über die Bundesrepublik Deutschland**. Bonn, 2000.

TU - Technische Universität Berlin. **Die ökonomischen Auswirkungen sind dramatisch**. Interview mit Ludwig Pawlowski. In: TU intern, Die Hochschulzeitung der Technischen Universität Berlin, 10/2004. disponível em: <http://www.tu-berlin.de/presse/tui/04okt/pawlowski.htm>.

WAGNER, Martin. **Das Berliner Wohnungsproblem**. In: Das Neue Berlin, Heft 3, 1929a

_____. **Verkehr und Tradition**. In: Das Neue Berlin, Heft 7, 1929b.

WEBER, Max. Die Stadt. In: Max Weber. **Wirtschaft und Gesellschaft**. Tübingen, 1922.

WERLE, Hermann. **Monopoly auf dem Wassermarkt**. In: Mieterecho. Nr. 290/ Mai 2002. disponível em: <http://www.bmgev.de/mieterecho/290/themen/05.htm?druck=1>.

ZIMMERMANN, Clóvis R. **Vom Paternalismus zur partizipatorischen Demokratie auf lokaler Ebene. Das Fallbeispiel des partizipatorischen Haushaltes im brasilianischen Porto Alegre**. Tese de Doutorado, Ruprecht-Karls-Universität Heidelberg, 1999.